

A PRÁTICA DE PLANEJAMENTO DAS AULAS NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: os desafios em tempos de pandemia

*Silvana Maria Bellé Zasso*¹

*Alessandra Amaral Silveira*²

*Juliane Alves Silveira*³

*Paula Pires da Silva*⁴

*Milena Severo Estima*⁵

*Milene Gonzalez Lopez Bandeira*⁶

Eixo temático 10: Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas

Resumo: Este trabalho apresenta dados parciais de uma pesquisa qualitativa que tem por objetivo identificar as práticas de planejamento das aulas de um grupo de professoras alfabetizadoras, bem como, os desafios encontrados no Ensino Remoto Emergencial – ERE. Tem o grupo focal como estratégia de produção de dados e como colaboradoras da pesquisa 05 professoras alfabetizadoras que atuaram em 2020 no 1º ano do Ensino Fundamental, da rede municipal da cidade do Rio Grande/RS. A análise dos dados até o momento indica que a modalidade do ERE favoreceu o trabalho colaborativo, pois houve aproximação entre as professoras por meio das ferramentas digitais. Indica também o desafio relacionado ao uso das tecnologias e o acesso a jogos e recursos didáticos disponíveis na internet. As professoras colaboradoras relataram que planejam as aulas e buscam estratégias de ensino

¹ Doutorado em Educação. Professora da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Contato: szasso2006@gmail.com;

² Doutorado em Educação. Professora da Educação Básica do Município de Rio Grande/RS. Contato: ale82amaral@yahoo.com.br;

³ Doutorado em Educação Ambiental. Professora da Educação Básica do Município de Rio Grande/RS. Contato: julliane.aalves@gmail.com;

⁴ Mestrado em Educação. Professora da Educação Básica do Município de Rio Grande/RS. Contato: pfppires@hotmail.com;

⁵ Graduada em Pedagogia. Professora da Educação Básica do Município de Rio Grande/RS. Contato: severoestima@gmail.com;

⁶ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Contato: mileneglb@gmail.com.

para garantir o interesse das crianças pela leitura e escrita e para isso precisaram aprender sobre as tecnologias digitais.

Palavras-Chave: Planejamento; Alfabetização; Ensino Remoto; Aprendizagem; 1º ano do Ensino Fundamental.

Introdução

Este trabalho traz os dados parciais da pesquisa intitulada “Os desafios do planejamento das aulas de alfabetização em tempos de pandemia”, que está articulada a uma ação institucionalizada denominada “Alfabetização em Rede: Uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia Covid-19 e da recepção da Política Nacional de Alfabetização - (PNA) pelos docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental”. Essa ação institucionalizada reuniu 29 instituições de ensino superior de diferentes localidades do Brasil.

O Grupo de Estudo e Pesquisa em Alfabetização e Letramento – GEALI, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, contribuiu com o projeto nacional a partir de diferentes ações⁵. Entre elas, esta que tem a intenção identificar os desafios da prática de planejamento das aulas em tempos de pandemia de professoras alfabetizadoras da rede municipal da cidade do Rio Grande/RS, que atuam, em 2020, no ciclo de alfabetização e assumiram o Ensino Remoto Emergencial - ERE⁶.

A pandemia causada pela COVID-19, acarretou inúmeros desafios, adequações e adaptações para os processos de alfabetização de crianças e, o isolamento social gerou impacto no modo de viver, agir e atingiu as instituições escolares e as famílias. Assim, repensar e problematizar a prática de planejamento das aulas na alfabetização, tornou-se emergente e necessária.

Utilizamos o grupo focal como ferramenta metodológica para a coleta de dados. Neste trabalho destacamos dados de três (03) encontros focais com duração de 1h cada. Os encontros contaram com a participação de 05 professoras que atuaram no 1º ano do ciclo de

⁵ O GEALI/FURG propôs sete investigações desenvolvidas por pesquisadores que dele fazem parte. Envolve os seguintes estudos: Política Nacional da Alfabetização: o engodo de um discurso forjado; Tempo de Aprender: uma proposta nefasta de retrocesso da alfabetização; Alfabetização em tempos de pandemia: a perspectiva das alfabetizadoras e das crianças; Alfabetização em tempos de pandemia: concepções e práticas pedagógicas na educação do campo; Alfabetização em tempos de pandemia: questões sobre a rede de ensino e a gestão escolar; Os desafios e as perspectivas das professoras alfabetizadoras iniciantes na carreira docente frente ao ensino remoto e Os desafios do planejamento das aulas de alfabetização em tempos de pandemia.

⁶Utilizaremos a sigla ERE, sempre que nos referirmos ao Ensino Remoto Emergencial.

alfabetização, na modalidade de ERE, no ano letivo de 2020, na cidade do Rio Grande/RS.

O texto está organizado em três seções. A primeira refere-se aos caminhos metodológicos percorridos, em que problematizamos a pertinência de utilizar os grupos focais em uma pesquisa que envolve a organização das aulas na alfabetização e descrevemos as etapas do tratamento dos dados (GATTI, 2005 e GIALDINO, 2007). A segunda seção apresenta os pressupostos teóricos que temos defendido, analisando os dados que envolvem a prática de planejamento das aulas. Para abordar o planejamento na alfabetização as autoras (NERY, 2007, CORSINO, 2007) e sobre sequências didáticas os pesquisadores (DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B., 2004) no que se refere à complexidade da aquisição da escrita (SOARES, 2016 e MORAIS, 2019). E, no que se refere à formação permanente e colaborativa de professores (IMBERNÓN, 2009). Estes autores, subsidiam as problematizações que emergiram da coleta dos dados. E, por fim, na terceira seção, tecemos algumas considerações sobre a pesquisa aqui realizada até o momento.

Caminhos Metodológicos

De acordo com Gialdino (2007), a perspectiva qualitativa busca compreender o conhecimento dos atores sociais e suas práticas. Desse modo, optamos por utilizar como técnica investigativa o grupo focal, compreendendo que esse caminho metodológico é capaz de potencializar a discussão e a interação dos professores em torno de um tema, trazendo ao encontro, a escuta e a partilha em grupo.

Segundo Gatti (2005, p. 9) “O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar”. Nos encontros, discutimos questões pertinentes à prática das professoras, em que pontuaram suas vivências, sentimentos e percepções em relação aos desafios da prática de planejamento das aulas num contexto de ERE, antes jamais experimentado.

Nosso propósito é compreender a realidade vivida pelas participantes em relação à prática de planejamento das aulas e as dificuldades enfrentadas no ERE. Neste recorte da pesquisa, participaram 05 professoras alfabetizadoras que atuam no 1º em 2020. Foram realizados de três encontros focais com duração de 1 hora cada, realizados no mês de outubro de 2020, através do *Google Meet*.

Em cada encontro foi proposto uma temática central a ser problematizada e alguns conceitos relacionados, definidos pelo grupo de pesquisa que considerou a realidade da rede municipal, no que se refere ao contexto da pandemia. Todos os encontros foram gravados e após foi realizada a transcrição, disponibilizadas às professoras, para leitura e alteração, caso

julgassem necessário.

Todos os encontros tiveram como tema central o Ensino Remoto, porém cada um deles tratou de diferentes questões. O primeiro encontro teve por aspectos circundantes as orientações dos gestores, sentimentos, recepção das crianças, vantagens e ganhos, desafios e, apoio; no segundo encontro o Planejamento foi a temática central envolvendo conceitos como: organização do trabalho; ferramentas digitais, prática de avaliação, Secretaria de Município da Educação-SMEd, papel dos recursos tecnológico (usos e desusos), adequações e adaptações e, no último encontro focal foi abordada a temática da Relação com a família enfocando a inclusão digital, registro e as mudanças. A dinâmica desses encontros foi mediada por um moderador que lançava a temática e um dos conceitos a serem problematizados e discutidos pelo grupo de professoras.

O Planejamento das Aulas no Ensino Remoto Emergencial: Alguns Desafios e Aprendizagens

A organização do trabalho pedagógico é condição para garantir um processo de alfabetização intencional e organizado. Acreditamos que os conhecimentos científicos articulados aos conhecimentos prévios de cada criança a respeito da escrita e da leitura, poderá ser o horizonte para a definição do planejamento das aulas na alfabetização (CORSINO, 2007). Estas ideias têm sido defendidas no campo da alfabetização. No entanto, cabe perguntar: Diante do contexto pandêmico e do ERE, como tem sido a prática de planejamento das aulas?

A implantação do ERE na rede municipal do Rio Grande foi sendo estabelecida, com maior definição, na segunda metade do ano de 2020. Em um primeiro momento, o contato com as famílias era realizado somente via redes sociais com a finalidade de manter o vínculo. Em um segundo momento, a orientação foi estreitar os laços entre a escola e as famílias através das ferramentas de comunicação (*WhatsApp, Telegram, Messenger, entre outros*) e, de ofertar às crianças kit impressos que deveriam ser retirados na escola. E, em setembro de 2020, houve uma orientação da SMEd para iniciarem os encontros síncronos e, permaneceram com o acesso às famílias via rede social.

Neste momento, a organização do trabalho pedagógico tornou-se ainda mais desafiadora quanto à concretização dos planejamentos perante a nova realidade do ERE. Cada alfabetizadora, nos encontros do grupo focal, foi relatando a forma como organizou seu planejamento e as adversidades encontradas. A maioria das professoras, enfatizaram que buscam apoio para pensar nas suas práticas de planejamento, em seus pares, seguindo, às vezes, como era realizado no contexto das aulas presenciais. Esta questão pode ser

percebida nas falas a seguir:

[...] temos nosso grupo de planejamento toda a semana. [...] Então apoio eu tenho das minhas colegas, a gente trabalha junto e o planejamento é o mesmo, enviamos, sempre juntas. (Gérbera, 1º encontro, outubro, 2020)

“[...] A gente acabou cada uma indo mais pelas suas vertentes, mas fazendo trocas né. Eu também tenho reunião com as professoras do primeiro ano onde a gente elabora os planejamentos juntamente com a coordenadora” (Lírio Cália, 1º encontro, outubro, 2020)

Nos relatos acima, é possível perceber que, a prática dessas alfabetizadoras se deu de forma coletiva e compartilhada, pois foi mantida a experiência que tinham no presencial. No excerto a seguir, a professora expõe que planejar com as colegas se efetivou durante a pandemia e, de acordo com ela, o uso da ferramenta *meet* possibilitou o encontro, enfatizando que no espaço da escola não acontecia devido a correria e a falta de horário comum entre as docentes. Nas palavras da professora:

“Tá tranquilo, o planejamento está tranquilo assim. Como eu falei já como tem o Meet a gente marca um horário e a gente programa toda a semana, para nós da escola da tarde ficou mais tranquilo.” (Lírio, 2º encontro, outubro, 2020)

Lírio, ressalta que o ERE possibilitou uma maior aproximação com as colegas para a realização do planejamento. Em contrapartida, no trecho a seguir, Crisântemo destaca o trabalho individual, pois recebeu as orientações da coordenadora da escola e precisa elaborar, consigo mesma, as propostas para as crianças, considerando a rotina das famílias. *[...] “É bem complicado eu me organizar comigo mesma. E meus 26 anos de experiência na alfabetização estão me deixando sem cabelo já.” (Crisântemo, 1º encontro, outubro, 2020)*

A prática de planejamento solitário exposto por Crisântemo, vai ao encontro do que Imbernón (2009) denomina de “celularismo escolar” ou “funcionamento celularista”, que caracterizam práticas de instituições escolares que preconizam ainda ações menos coletivas e mais individualistas. O autor ressalta a importância de romper com o isolamento em que os docentes assumem hábitos de trabalho solitários e competitivos, que favorecem uma atomização educativa, compartimentando a ação educativa (2009, p. 23).

Observamos que o ERE no contexto pandêmico exige das professoras alfabetizadoras outro(s) formato(s) de formação e, por sua vez, de aprendizagens diante dos desafios de elaborar uma prática pedagógica diferente. Estas aprendizagens se referem a uma outra prática de planejamento das aulas, que envolve o domínio das tecnologias digitais, das estratégias de ensino, dos recursos didáticos e da busca por uma relação com as crianças e as famílias, como podemos identificar a seguir:

“Eu tô aprendendo muito, eu estou estudando muito, fazendo curso [...] fiz curso de jogos, apresentação em eventos [...] então assim essa pandemia ela possibilitou isso, claro que tem toda essa questão cansativa né, mas eu aprendi tanta coisa, jamais eu imaginei que estaria

fazendo jogo, então isso foi bem interessante sabe”. (Lírio Cália, 2º encontro, outubro, 2020);

“Olha quanta coisa que a gente teve que aprender para poder ensinar, né.” (Gérbera, 2º encontro outubro, 2020);

“[...] Estou participando de lives, tem uns cursos bem legal on-line, estou fazendo muita coisa, a minha casa agora virou ateliê de jogos e até comprando jogos on-line eu estou comprando, porque assim tem muita coisa legal, muita coisa boa, agora só estou na ânsia de começar a usar, isso vai ter muita coisa que a gente pode usar presencialmente”. (Crisântemo, 2º encontro, outubro, 2020).

Percebemos o quanto foi necessário realizar novas aprendizagens diante desse contexto de mudanças, que impôs reorganizar o planejamento das aulas, pois houve a necessidade de adoção de diferentes ações metodológicas, bem como, a incorporação de novas estratégias de ensino. Neste sentido, um aspecto considerado pelas participantes como positivo, foi o acesso a jogos e recursos dispostos na internet que passam a utilizar. Elas foram expressando a busca por novos recursos didáticos demonstrando assim, uma aproximação com os recursos tecnológicos, sentindo-se motivadas com as inúmeras possibilidades disponíveis para auxiliar no planejamento. Ao mesmo tempo, indicam o cansaço e as dificuldades, quanto a realização deste novo tipo de planejamento que exige mais tempo e ajuda de familiares. Lírio diz:

“Precisei aprender, com ajuda do meu filho para montar jogos. É difícil. Demorava uma tarde para criar um jogo, em determinado momento, eu não enxergo mais nada.” (Lírio, 2º encontro, outubro, 2020)

“Precisa de tempo, e a gente acaba trabalhando muito mais, porque a gente não é da tecnologia né, os olhos chegam em um determinado momento que eu não enxergo mais nada gurias, minha visão fica completamente turva”. (Genebra, 2º encontro, outubro, 2020)

Identificamos pelos relatos acima que há um esforço para chegar às crianças por meio de outros recursos didáticos, embora saibam que nem todas as famílias têm acesso à internet e às tecnologias digitais. Em contraponto, nas últimas duas décadas, temos defendido no campo da alfabetização a importância de planejar em uma perspectiva de integração curricular utilizando a metodologia de projetos pedagógicos e sequências didáticas (NERY 2007; CORSINO, 2007), que possibilitam articular as diversas áreas de conhecimento. A sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática (DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B., 2004, p. 82) que permitem uma maior articulação entre os conhecimentos trabalhados.

Percebemos que há mudanças na prática de planejamento deste grupo de professoras. De um lado acontecem muitas aprendizagens em relação a incorporação de outros recursos didáticos digitais, já que houve a inserção de um maior número de jogos no planejamento e usam as tecnologias digitais diariamente. E, por outro, o enfrentamento das

adversidades do contexto que mostra as desigualdades de acesso tanto da internet quanto das ferramentas digitais, e que interferem nas escolhas das estratégias de ensino. Enfim, é possível perceber o compromisso que têm com as crianças e a sua ética profissional, mesmo diante do escasso apoio digital da Secretaria Municipal de Educação.

Considerações Finais

Alfabetizar é um processo complexo que exige interações, relações, construção e partilha. Sobretudo, exige um planejamento que articule os conhecimentos prévios de cada criança e os conhecimentos envolvidos na aprendizagem da língua escrita. Entretanto, este momento de isolamento social e a modalidade do ERE, impôs desafios e aprendizagens às professoras alfabetizadoras que modificam as práticas de planejamento das aulas.

Ao realizar o planejamento, as professoras alfabetizadoras precisam levar em consideração não só o desenvolvimento da construção de escrita e da leitura, mas o estabelecimento de vínculos, o contexto familiar, e a adoção de novas estratégias para a alfabetização. Elas demonstram o quanto o COVID-19 desencadeou nelas diferentes sentimentos e percepções, muito ocasionados pelo contexto pandêmico e pela necessidade de constantes adequações e adaptações ao momento vivido.

Por fim, fica evidente que quando a prática ocorre de forma coletiva permite trocas, compartilhamento e maior articulação entre as professoras. Logo, torna o processo de planejamento, durante o ERE, um pouco menos complexo já que ao ter dúvidas ou dificuldades, conseguem amenizá-las, ao compartilhar com seus pares. Outro aspecto, foi as aprendizagens pelas buscas feitas, na maioria das vezes, solitária, contando apenas com a ajuda de familiares ou colegas.

Referências

CORSINO, P. **As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento.** In: Ensino Fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC/SEB, 2007.

DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. **Sequência didática para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento** In: DOLZ, J; SCHNEUWLY, B; PIETRO, J-F. Gêneros Oraís e escrito na escola. São Paulo, Mercado das Letras, 2004. (Coleção as Faces da Linguística Aplicada).

GATTI, B. A. **Grupo Focal na pesquisa nas ciências sociais e humanas.** Brasília: Liber Editora, 2005.

GIALDINO, I. V. de (Org.). **Estrategias de investigación cualitativa.** Buenos Aires: Editorial

Gedisa, 2007.

IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado: novas tendências.** São Paulo: Cortez, 2009.

MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E. B. C; LEAL, Telma. F. (Orgs.). **Alfabetização: apropriação dos sistemas de escrita alfabética.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

NERY, A. **Modalidades Organizativas do Trabalho Pedagógico: uma possibilidade.** In: Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Jeanete Beauchamp, Sandra

SOARES, M. **Alfabetização A Questão dos Métodos.** São Paulo: Contexto, 2016.